



## AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS DO RÊGO POR ALUNOS E ALUNAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA

Tayse de Souto Silva (1); Kalina Naro Guimarães (2)

(1) Universidade Estadual da Paraíba - PPGFP - taysebiologia@gmail.com

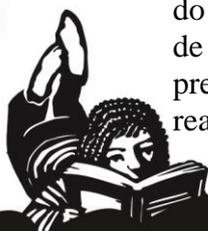
(2) Universidade Estadual da Paraíba - kalinaro@gmail.com

**Resumo:** Este artigo decorre de reflexões e experiências escolares a partir da leitura obra *Menino de Engenho* do autor paraibano José Lins do Rêgo, por uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, no Município de João Pessoa. O trabalho constitui um recorte de um projeto incentivado pela Prefeitura de João Pessoa, intitulado “Ano Cultural”, cujo objetivo principal é homenagear personalidades paraibanas que se destacam ou destacaram-se no cenário cultural brasileiro. O enredo do livro é marcado por uma estrutura social patriarcal, típica do período pós-colonial escravocrata, onde a figura masculina autoritária constitui um traço determinante nas relações sociais que se estabelecem na narrativa de José Lins, denunciando a violência como um componente naturalizado no discurso e na sociabilidade da cultura nordestina. Desta forma, o trabalho teve como objetivo oportunizar uma experiência de leitura literária que propiciasse reflexões, de modo a ampliar percepções acerca das relações de gênero que permeiam a trama da obra, através da análise das marcas do patriarcado presentes no contexto histórico e social que caracterizam o romance. As contribuições teóricas que embasaram as discussões foram: Albuquerque júnior (1999), Scholz (1996), Scott (1990, 2005), Rohden (2006); Moreno (1999); Moreira e Candau (2013), entre outros. A partir das atividades de leitura, debates, apresentações orais e uma encenação de teatro, os alunos puderam refletir, expor suas opiniões e ressignificar práticas da cultura nordestina narradas por José Lins do Rêgo, correlacionando-as com seus cotidianos e ampliando seu conhecimento acerca das relações de poder que segregam os gêneros e naturalizam formas de relacionamentos abusivas e violentas. Acreditamos que trabalhos como esse contribuam para despertar o sentimento de luta contra a violência presente nas sociedades patriarcais, que escravizam e reduzem homens e mulheres a estereótipos, impedindo construções identitárias e formas de relacionamentos mais livres e heterogêneos.

**Palavras-chave:** José Lins; *Menino de Engenho*; Cultura; Patriarcado; Educação.

### INTRODUÇÃO

O contexto histórico a que a obra *Menino de Engenho* faz referência é o Brasil pós colonial, na década de 30 no século XX, marcado pela permanência de um regime ainda escravocrata. O cenário geográfico da narrativa é o nordeste brasileiro, especificamente, a zona da mata no Estado da Paraíba, onde as relações sociais se desenrolam em meio a situação socioeconômica dos engenhos de açúcar, que caracterizam grande parte das obras de José Lins do Rêgo. A narrativa apresenta a realidade nordestina, através de um romance popular, permeado de regionalismos, religiosidade, traços culturais e relações sociais patriarcais marcadas, sobretudo, pela figura temida e autoritária do coronel José Paulino, avô do personagem principal Carlinhos e dono do engenho Santa Rosa. Por se tratar de uma obra de memórias, os traços de emotividade e saudosismo disfarçam problemas sociais graves presentes na narrativa e tão enraizados na cultura nordestina, e nos fazem transitar entre a realidade e a ficção.





# VII ENLIJE

A escolha da obra foi pertinente às reflexões sobre gênero devido à presença marcante de temáticas como machismo, representações binárias de gênero, racismo, autoritarismo, violência doméstica, trabalho escravo, entre outros elementos que determinam configurações sociais do nordeste brasileiro e constituem um canal para a difusão de um discurso androcêntrico que não é apenas de um indivíduo, mas de todo um corpo social. Conforme Moreno (1999), o androcentrismo consiste em considerar o sexo masculino como o centro do universo, medida de todas as coisas e único observador do que ocorre no mundo, e ainda, como único capaz de ditar as leis, de impor justiça e de governar o mundo. No romance, o modelo ideológico do patriarcado está presente em quase todos os personagens masculinos, especialmente, nos senhores de engenho e nos arquétipos dos jagunheiros, cangaceiros e capatazes, cujos estereótipos marcaram determinado tempo histórico e acabam perpetuando modelos de convivência e relacionamento colonizadores e hierarquizantes. Tais modelos costumam recorrer à tradição cultural para justificar a permanência de práticas que inferiorizam algumas identidades e segregam os gêneros, sendo observadas com frequência nas formas de relacionamentos contemporâneos.

Ao selecionar *Menino de engenho* como possibilidade para um trabalho pedagógico de leitura, buscamos oportunizar uma experiência literária com alunos/as do nono ano de uma escola pública do município de João Pessoa, durante o período de dois bimestres, que possibilitasse reflexões e entrecruzamentos das relações de gênero presentes na narrativa e na vida dos/as mesmos/as. Procuramos, durante as aulas, traçar um panorama cultural das representações de masculinidades e feminilidades da cultura nordestina dentro da obra, permitindo uma análise comparativa com as configurações de gênero atuais, onde o machismo e a violência ainda se fazem presentes de maneira naturalizada, reproduzindo modelos binários para a sexualidade e construções identitárias estereotipadas.

Concomitantemente, a obra permitiu uma conexão com a faixa etária dos alunos/as, pelos/as mesmos/as estarem vivenciando a adolescência, um dos períodos mais expressivos de suas sexualidades, uma vez que esta é uma das temáticas enfatizadas no enredo da obra, através do relato das experiências sexuais do personagem principal, Carlinhos, no seu período de transição da infância para adolescência. Essa temática nos dá a oportunidade de entrecruzar as experiências descritas pelos/as personagens com as vivências dos alunos/as, uma vez que é válido “situar a literatura no universo do aluno, menos como um conteúdo escolar do que como um espaço de contínuas trocas de sentido e extensão de suas próprias vidas” (GUIMARÃES, 2014, p.57).

Destarte, a dimensão literária pode produzir conexões diversas por causa da riqueza de elementos culturais como os conhecimentos sociais, filosóficos, éticos, históricos ou artísticos que se encontram nesse tipo de obra e que permitem, inclusive, a inclusão da literatura no interior de uma hipotética área cultural do currículo escolar (COLOMER, 2007). Nesse contexto, este artigo se propôs a relatar uma experiência didática de aproximação de alunos/as com a literatura, através da leitura da obra *Menino de Engenho*, propiciando uma ressignificação cultural acerca da cultura nordestina no que se refere as heranças patriarcais que ainda permeiam e influenciam suas vivências.

## METODOLOGIA

A perspectiva metodológica deste trabalho, no que se refere à análise literária realizada, norteia-se pelos estudos culturais, especialmente às discussões em torno do gênero a partir de Albuquerque Júnior (1999), Scholz (1996), Scott (1990, 2005), Rohden (2006), Safiotti (2011), entre outros, tendo no texto literário o diálogo necessário para compreensão da relação entre a cultura do patriarcado e as construções identitárias servis aos padrões de comportamentos delegados à figura do homem e da mulher. Para isto, este artigo volta sua

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





# VII ENLIJE

atenção para uma experiência de leitura que contempla a representação da masculinidade e feminilidade no nordeste brasileiro através da obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego.

Quanto à experiência didática desenvolvida, a pesquisa caracteriza-se como participante, que, segundo Prodanov e Freitas (2013), se constitui numa associação com ações ou resoluções de problemas coletivos, de modo que pesquisador e participante se envolvem de modo colaborativo e participativo. Conforme os autores supracitados, esse tipo de pesquisa “é considerada também uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares, quando voltada para uma orientação de ação emancipatória e de grupos sociais que pertencem às classes populares e dominadas”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 66)

O público-alvo foram alunos e alunas do 9º ano de uma escola pública no Município de João Pessoa, com faixa etária entre 15-17 anos. O trabalho com os/as alunos/as durou dois bimestres e dentre as ações metodológicas realizadas, destacam-se: exibição do curta “*O sonho impossível?*”; aulas dialogadas sobre patriarcado e machismo/sexismo; apresentação da obra e autor; rodas de conversa; formação de clubes de leitura, onde os alunos se reuniam para a leitura oral e seleção dos trechos da obra que nortearam os debates e discussões; apresentações orais dos resultados sobre a análise da obra e uma encenação sobre machismo sugerida pelos/as alunos/as, decorrentes das reflexões em sala de aula, que corroboraram com a culminância do projeto Ano Cultural na escola. É válido salientar que durante as intervenções em sala de aula, alguns aspectos presentes na narrativa não percebidos pelos/as alunos/as foram devidamente mediados, problematizando questões não consideradas pelos/as estudantes, mas que constituem aspectos naturalizados pelo machismo e violência.

É importante ressaltar que a leitura do texto literário não converge para uma interpretação unívoca, uma vez que ostenta variadas possibilidades interpretativas, garantida pela linguagem plurissignificativa da obra literária e pelas visões de mundo de cada leitor, garantindo a liberdade de expressão e de ressignificações culturais. Destarte, as discussões e resultados a seguir baseiam-se na análise de trechos selecionados pelos/as estudantes, juntamente com a professora/autora deste artigo, a partir da leitura da obra, nas discussões, reflexões e nas experiências compartilhadas em sala de aula. O critério para seleção dos trechos foram a percepção dos estudantes sobre as relações de gênero que permeiam a narrativa e desenham o contexto histórico da obra.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A introdução da temática de gênero com os/as alunos/as se deu através da exibição do curta “*O sonho Impossível?*” que retrata uma relação conjugal contemporânea, marcada por nítidas divisões de papéis entre a esposa e o marido, onde a mulher é a única responsável pelos afazeres domésticos, mesmo assumindo outro emprego fora de casa. Após a exibição, os/as estudantes foram indagados sobre suas configurações familiares, identificando as atribuições de papéis em seus lares. A maioria dos relatos reportava às meninas a responsabilidade de atividades como limpeza da casa, preparo de refeições e cuidado com irmãos mais novos, de modo que não tivemos nenhum relato de meninos sobre a responsabilidade de tais afazeres. Estes relatavam atividades, em geral, fora de casa, acompanhando os pais em seus ofícios. Percebemos uma ideia naturalizada de que as mulheres desempenham com maior facilidade atividades privadas, de cuidados com a casa e com o outro, enquanto aos homens cabe à exploração de atividades fora de casa, à vida pública. A essa ideia de sexismo, associam-se conceitos de feminilidades e masculinidades que reduzem as construções de identidade a representações binárias, inscrevendo nas mulheres padrões de fragilidade e delicadeza, e nos homens, modelos de força e macheza, em que frequentemente está implícita a ideia de dominação e poder por parte destes.





# VII ENLIJE

Na ocasião, foi problematizada a ideia de força e valentia, reportada incessantemente aos meninos, impedindo, muitas vezes, que eles desenvolvam aspectos de sua sensibilidade e/ou se sintam à vontade para expor suas fragilidades e medos. Essa prática cultural acaba imprimindo a ideia legitimada, porém, controversa, da “superioridade” dos homens com relação às mulheres. De acordo com Scholz (1996), a assimetria dessa relação, na qual o elemento sensível é marcado como feminino e, por isso mesmo, posto de lado e avaliado como inferior, justifica o que o autor caracteriza de patriarcado sem sujeito: “o valor é o homem”. A este pensamento de superioridade e supremacia do homem nas relações sociais que caracterizam o patriarcado, tão presente e, ao mesmo tempo, camuflado na obra de *Menino de Engenho*, associamos também a ideia de honra. Fabíola Rondhen (2006) pontua que a honra e a vergonha seriam conceitos universais e corresponderiam aos dois polos da valorização social que implica a hierarquização dos indivíduos. Afirmar ainda que o homem seria o árbitro e responsável pela guarda da honra, e apenas os considerados incapazes (mulheres, doentes, idosos, padres) teriam direito a defensores. Nesse âmbito, é importante problematizar ideias hierarquizantes que se perpetuam ao longo das gerações e que são reproduzidas através da literatura, de modo a refletir e analisar de que forma se configuraram as relações entre os gêneros nas produções literárias ao longo da história e que influências essas configurações trazem para os dias atuais.

Num segundo encontro, foi realizada uma aula dialogada sobre o patriarcado, enfatizando seu conceito, suas influências e representações na sociedade contemporânea. Os/as estudantes realizaram pesquisas e discutiram sobre a temática, ampliando compreensões sobre o uso e sentidos da palavra machismo/sexismo, ao relatar questões presentes nas divisões de atividades na escola, especialmente, nas aulas de educação física, em que, segundo os/as mesmos/as, os meninos sempre eram privilegiados na escolha e desenvolvimento da atividade recreativa. Um outro relato interessante diz respeito às roupas utilizadas nas aulas de educação física, pois enquanto os meninos poderiam estar sem camisa ou vestindo *shorts*, a ordem da direção da escola era a proibição do uso de roupas curtas para as meninas, que eram veementemente repreendidas e proibidas de entrar a escola. Pontuamos a partir desta análise, que os/as professores/as e direção devem desempenhar um papel crucial para evitar tratamentos sexistas dentro da escola, de modo que as meninas se sintam incluídas e tratadas com a mesma abertura que se dá, em geral, aos meninos.

No encontro seguinte, foi apresentada aos alunos/as a obra *Menino de Engenho* e proposta a criação de um clube de leitura, onde os/as estudantes dividiram-se em grupos para uma leitura semanal da obra. Para esta atividade, foram orientados/as a destacar trechos, durante as leituras que, na opinião dos/as mesmos/as, representavam exemplos de configurações patriarcais. O trecho a seguir, na visão dos/as alunos/as, exemplifica a lógica do patriarcado, ao narrar a rotina do senhor de engenho seu Paulino, avô do personagem principal (Carlinhos):

“[...] Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. (...) Gente safada, com quatro dias de serviço adiantado e metidos no eito do engenho Novo. Pensam que eu não sei? Toco fogo na casa.” (REGO, 1982, p. 27).

A figura do patriarca, como representada na obra, assume o papel de personagens autoritários e violentos, estabelecendo um status de superioridade em relação às mulheres, familiares e empregados. Nas discussões em sala, os/as alunos/as exemplificaram algumas relações autoritárias características de seus cotidianos, como a figura masculina de pais, padrastos e tios que externam, em suas falas e atitudes, posturas autoritárias, como o fato de





# VII ENLIJE

reprimirem as meninas com relação aos namoros e/ou passeios para lugares públicos durante a noite, de modo que nenhum desses casos foi relatado por meninos. Um ponto levantado a favor das proibições impostas pelas figuras ‘paternas’ foi a necessidade, principalmente das meninas, de prevenção contra a violência urbana por estarem mais vulneráveis a assédios, estupro e violência. Foi interessante a colocação dos/as estudantes para ressignificarmos o que de fato constitui um problema: as mulheres representarem uma parcela vulnerável da população ou a permanência da violência contra elas?

É necessário problematizarmos os aspectos naturalizados do comportamento masculino, entendendo que o sistema do patriarcado se estende aos aspectos políticos e da organização social, colocando, especialmente, as personagens femininas num alto grau de subordinação e vulnerabilidade. O patriarcado não é apenas uma ideologia, constitui uma estrutura de poder que acoberta a ideia de que mulheres estão abaixo dos homens em todas as áreas de convivência humana, ou seja, refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. (SAFFIOTI, 2011)

Sob a perspectiva dos estudos culturais, o regime escravocrata colonial, diga-se de passagem, importado de outra cultura que tinha seu centro na Europa Ocidental, acaba ganhando força e definindo as configurações culturais brasileiras. A influência do colonialismo foi decisiva para o estabelecimento de um regime sociopolítico desigual e machista. Paradoxalmente, a figura do senhor de engenho – o patriarca, ora é descrito como violento, ora é apreendido como alguém que estabelece a ordem e defende a honra, mesmo que para isso se aprovisione da força. Esse limiar entre o paternalismo e o autoritarismo acaba caracterizando a lógica do patriarcado, onde a cultura acaba se transformando em justificativa para o estabelecimento de hierarquias. A necessidade da sociedade escravocrata pela propriedade de bens, estendia-se, também, a posse de pessoas, como crianças, mulheres, e empregados, onde, geralmente o patriarca se utilizava da força e violência para a garantia da posse.

Os relatos de violência foram os trechos mais repetidos na seleção dos/as alunos/as e são percebidos nas primeiras páginas do romance, com a narração da cena de assassinato da mãe de Carlinhos. Fica nas entrelinhas da narrativa, que seu próprio marido teria sido o autor do crime, em contrapartida, é explícita a relação conflituosa do casal, descrita em vários trechos do livro, como os que seguem: “[...] e discutia muito com a minha mãe, gritava, dizia tanta coisa, ficava com uma cara de raiva que me fazia medo. E minha mãe saía para o quarto aos soluços (...)” (REGO, 1982, p. 35); “[...] e quando meu pai chagava nas suas crises, exasperado como um pé de vento, eu a via chorar e pronta a esquecer todas as intemperanças verbais de seu marido (...)” (REGO, 1982, p. 36); “[...] o seu destino fora cruel: morrer como morreu, vítima de um excesso de cólera do homem que tanto amara (...)” (REGO, 1982, p. 36).

Um outro trecho destacado foi a descrição de uma segunda figura feminina que também era vítima da violência doméstica, ao nos depararmos com a narrativa de Judite, uma espécie de professora particular de Carlinhos:

“[...] Uma vez a vi chorando, com os olhos vermelhos e o Dr. Figueiredo saindo de casa batendo a porta. E doutra, enquanto eu ficava sozinho na sala com minha carta na mão, ouvi no interior da casa um ruído de pancadas e uns gritos de quem estivesse apanhando. Compreendi então que a minha bela Judite apanhava do marido”. (REGO, 1982, p. 62).

No momento de discussão dos trechos citados aproveitamos para refletir sobre os índices de violência doméstica no estado da Paraíba e que levam aos aumentos dos índices de feminicídio. Os/as alunos/as puderam compartilhar experiências de violência doméstica as quais já haviam presenciado em suas comunidades e chamaram atenção para o fato de alguns





# VII ENLIJE

jornais locais da cidade estarem sempre reportando casos de violência doméstica na comunidade onde a escola está inserida. Conforme Albuquerque Júnior (1999, p.175), [...] “a violência é neste discurso um componente da sociabilidade do nordeste, uma característica da própria forma de ser do nordestino, e, mais acentuadamente, um dos elementos que comporiam os atributos da masculinidade nesta região”.

Simultaneamente, a repressão da mulher é um dos mecanismos mais claros do patriarcado. Para os patriarcas, cabe a mulher apenas o bom desempenho dos afazeres domésticos, a reprodução, ser uma figura dócil e agradável, cuja obrigação e prioridade era a satisfação do seu marido ou senhor. E, para assegurar a “ordem natural” das coisas, era, e ainda é, comum o uso da violência, quer seja através da força física, quer seja através de coação ou ameaças.

No contexto da obra, o medo imposto pela figura masculina, geralmente detentora do poder financeiro e do prestígio social, muitas vezes colocava a mulher numa situação de vulnerabilidade, pois esta encontrava-se num estado de dependência e de submissão ao seu marido/companheiro. Vale salientar que

“ ao falar de dominação masculina, não queremos dizer, obviamente que o homem se poste ao lado da mulher, constantemente de chicote em punho, para fazer valer sua vontade. No sentido aventado aqui, o domínio baseia-se essencialmente na institucionalização e na internalização de normas sancionadas pela coletividade”. (SCHOLZ, 1996, p. 17).

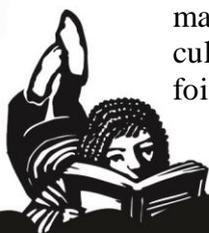
Em nossa sociedade, um fato comum é a transferência de responsabilidade/culpabilidade das atitudes violentas para o comportamento feminino. Constantemente, deparamo-nos com notícias de crimes, passionais, que se utilizam de justificativas como o ciúme, defesa da honra ou vergonha, geralmente dadas em depoimentos por companheiros/maridos/namorados que “perdem a cabeça” e decidem eliminar o problema que causa sua dor – a vida da mulher ‘amada’.

Um outro trecho presente na narrativa que nos remete ao mesmo contexto de violência e intolerância dos homens com relação às mulheres é quando tia Sinhazinha, cunhada de José Paulino, é devolvida pelo marido à sua família.

“ [...] Casada com um dos homens mais ricos daqueles arredores, o Dr. Quincas, do Salgadinho, vivia separada do marido desde os começos do matrimônio (...). Contava-se que um dia amanhecera num engenho de seu pai, amarrada num carro de boi, com uma carta do marido fazendo voltar ao sogro a sua filha”. (REGO, 1982, pg.44).

É interessante ressaltar que nenhum dos grupos de alunos e alunas identificou esse trecho como um ato de violência, levando-nos a consideração de que, para estes estudantes, algumas atitudes violentas se disfarçam ou se justificam através do próprio comportamento feminino, conferindo certa permissividade à violência. Nesse momento, foi conveniente trazer para a discussão os vários tipos de violência que permeiam as relações, a exemplo daquelas de cunho psicológico, como humilhações, ameaças, diminuição de valores, proibições, constrangimentos.

Durante a aula, foi necessário chamar atenção para o fato de que o narrador faz uma leitura pejorativa da personagem Dona Sinhazinha ao descrevê-la como uma mulher mal-humorada, má e perversa. Tais características, tão afirmadas ao longo do romance, acabam por justificar a devolução humilhante da esposa como uma consequência ou punição pelo comportamento rebelde da tia Sinhazinha, velando a atitude violenta e desrespeitosa de seu marido. Embora o livro não deixe claro o que motivou tal atitude, fica implícita a ideia de culpabilidade da tia personagem para justificar o desfecho, de modo que, em momento algum, foi relatado em que condições esta mulher vivia com seu marido. Rohden (2006, p.106)





# VII ENLIJE

afirma que “a violência é, muitas vezes, o recurso característico. Sua execução é obrigatória quando todos os outros meios de resolver as disputas forem ineficientes”.

Nas discussões e reflexões com os/as alunos/as, foi ressaltado que, sejam quais forem as razões ou justificativas para atos semelhantes ao relatado no trecho do livro, não podemos perceber como algo natural o subterfúgio da violência, seja ela física ou psicológica. Nesse trecho, a violência, embora camuflada e escrita pelo narrador com certo tom de humor, encontra-se marcada pelo constrangimento e humilhação a qual foi submetida a personagem Sinhazinha. É comum observarmos em nosso cotidiano, através dos jornais, telenovelas ou internet, justificativas para o uso da violência baseadas em comportamentos não esperados para um determinado gênero.

A necessidade de padronização de comportamentos, imposta pela sociedade no que se refere às expressões de masculinidades e feminilidades, parece ser algo indispensável ao estabelecimento de uma ordem ou de uma normalidade aspirada pelas classes hegemônicas, sobretudo, homens, heterossexuais e não negros, o que coloca qualquer identidade de gênero que não se encaixe em tais determinações binárias, em situação de vulnerabilidade. Ao transferir, por exemplo, a culpabilidade do ato de violência para comportamentos femininos considerados ‘impróprios’, os homens estabelecem padrões de dominação e conduta que inferiorizam a figura da mulher, pelo simples fato de pertencerem a um sexo, considerado pelo pensamento androcêntrico, frágil, sensível e, por isso, inferior.

Contudo, ao analisarmos as questões de gênero, devemos estar atentos/as ao papel que a cultura inscreve sobre nossos corpos, comportamentos e identidades, entendendo-a como um processo contínuo de construção e reconstrução, que nem sempre é igualitário e que, por isso, pode e deve ser ressignificado. Vera Candau (2013, p. 22) ratifica esta afirmação ao dizer que “certamente cada cultura tem suas raízes, mas estas são históricas e dinâmicas. Não fixam as pessoas em determinado padrão engessado”. É o engessamento de ideias, especificamente, acerca das questões de gênero, que nos leva a permanecer num modelo cultural insustentável e fadado ao fracasso, visto que uma das partes sempre carrega o fardo da inferiorização e discriminação. Conforme a autora supracitada, “as relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos” (CANDAU e MOREIRA, 2013, p. 23).

Os trechos da obra, a seguir, nos remetem a essa ideia de hierarquia entre os gêneros, ao dar tratamento diferenciado para os gêneros ao mesmo tipo de comportamento sexual: “[...] A outra contava que o senhor de engenho do Poço do Fundo tinha mais de vinte mulheres” (RÊGO, 1982, pg. 47), e ainda, “[...] – Aquela ali já foi passada. Quem manda nela é o doutor Juca.” (RÊGO, 1982, p. 64); “[...] Não conheci marido de nenhuma e, no entanto, viviam de barriga enorme, perpetuando a espécie sem previdência e sem medo.” (RÊGO, 1982, p. 84) Traçando um paralelo entre os trechos acima, percebemos a diferença de juízo, aos valores atribuídos a homens e a mulheres, no que se refere ao comportamento sexual. Enquanto que para os homens é conferida uma certa naturalidade e imparcialidade na fala dos personagens, ao relatar a multiplicidade de parceiras que o senhor de engenho possuía, fato este percebido também na narrativa de outros personagens masculinos no enredo, para as mulheres, o mesmo comportamento as faz serem vistas, aos olhos da sociedade e dos próprios homens, com repúdio e desprezo. Este aspecto foi um dos mais inquietantes para as alunas, uma vez que correlacionaram os fatos descritos no livro com atitudes corriqueiras em seus grupos sociais, principalmente, no que se refere ao julgamento de meninas que mudam frequentemente de parceiros e que, nas palavras deles/as, são julgadas negativamente de “putas” ou “passadas”, enquanto que os meninos são positivamente chamados de “pegadores” ao possuírem o mesmo comportamento.





# VII ENLIJE

Segundo Mc Kinnon (1982 *apud* Scott, 1990, p. 77) “a objetificação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres. Ela liga o ato com a palavra, a construção com a expressão, a percepção com a efetivação, o mito com a realidade. O homem fode a mulher; sujeito, verbo, objeto.” Nesse sentido, o sentimento de posse e de dominação, explícito nas falas e atitudes dos personagens, coloca a mulher numa posição de subordinação que, ao longo da história, transforma-se num aspecto cultural tido como natural e aceitável.

“A virulenta campanha contra o “feminino” manifestou-se (em complemento ao projeto científico de “controle da natureza”) como tendência a domesticar a mulher como “ente natural”, isto é, fazer com que a mulher, como representante da natureza (e a natureza como local de destino do mundo feminino) levasse uma vida serena, doméstica e controlada pelo patriarcado” (SCHOLZ, 1996. p. 23)

No trecho a seguir, também selecionado pelos/as estudantes, temos um exemplo do descompromisso masculino no que se refere à paternidade, um outro aspecto que nos levou a reflexões sobre a segregação entre gêneros: “[...] – É mentira daquela bicha severgonha. Ela botou pra cima de mim os estragos que os outros fez. Ela pode casar com o diabo, comigo não. O coronel me mata, mas eu não me amarro com aquela peste. Vou pra cadeia, crio bicho na peia, mas não vivo com a descarada daquela quenga (...)” (RÊGO, 1982, p. 72). Foi comum, durante os relatos dos/as alunos/as que participaram das leituras e discussões, o fato de mães que assumiram, sozinhas, a responsabilidade sobre a criação dos filhos/as, bem como de avós que tomavam pra si esta responsabilidade. Foi discutido que a determinação social do cuidar do outro, geralmente delegada à mulher, deve-se ao fato de ela ser vista como a única dotada desta capacidade, ideia que tem como critério uma questão biológica na divisão social dos papéis. Ou seja, pelo fato de o corpo feminino ser o único com a capacidade de parir ou de amamentar, por exemplo, se naturalizou, nas sociedades patriarcais, a ideia de priorizá-la para a responsabilidade. No entanto, Scholz (1996, p. 17) é categórica ao afirmar que “ao caracterizar o patriarcado, suponho que as diferenças sociais entre os sexos são produtos da cultura, e, portanto, não decorrem de dados biológicos (por exemplo a capacidade de dar à luz). A existência do patriarcado não deve ser ontologizada (...)”.

Ainda de acordo com as ideias da autora supracitada sobre as especificações sexuais na distribuição dos papéis nas sociedades patriarcais, que compreende o trabalho abstrato e o valor como princípio masculino, ela explica que “a esfera privada, conseqüentemente, é ocupada pelo tipo ideal “feminino” (família, sexualidade etc.), ao passo que a esfera pública (trabalho abstrato, estado, política, ciência, arte etc.) é “masculina”. De forma ideal, a mulher seria assim o “recosto” social para o homem que age na esfera pública. (SCHOLZ 1996, p. 18). Nesse panorama, a dominação masculina presente no enredo da obra é encarada como algo que tem como raiz a ideia errônea de fragilidade feminina, e sua necessidade de ser cuidada, ser amparada e, conseqüentemente, controlada/domesticada.

Durante a análise, em sala de aula, dos trechos citados, foi inserida a problemática de gênero como norte para as discussões. Os/as alunos/as se sentiram muito motivados/as a compartilhar suas experiências pessoais e tiveram a iniciativa de propor uma peça teatral para corroborar com as apresentações orais de todos os trechos analisados e comentados pelos/as mesmos/as em sala de aula. No roteiro da peça, os/as alunos/as abordaram algumas situações corriqueiras que presenciavam em suas casas e em seus relacionamentos pessoais, através de seis cenas curtas. As cenas abordavam a proibição do uso de roupas curtas pelo namorado, relacionando-as à falta de caráter ou promiscuidade; a agressividade de um marido que chegava em casa gritando a esposa e reclamando do horário e qualidade da refeição produzida pela companheira; duas meninas que passavam na rua e recebiam assobios, cantadas de mau gosto e eram tocadas por meninos sem suas permissões; a violência presente numa cena de estupro; a exclusão de duas meninas de um local onde havia meninos assistindo um jogo de





# VII ENLIJE

futebol e uma cena de preconceito com o relacionamento homoafetivo de duas meninas, por meninos que as xingavam e faziam piadas machistas. Esta última cena nos chama atenção para a necessidade de abordagem de um dos aspectos da sexualidade, geralmente ocultados do currículo, a diversidade de orientações sexuais. Embora a narrativa da obra não faça menção a tal tipo de relacionamento, a compreensão de que as questões de gênero ultrapassam modelos binários foi extremamente positivo e nos fez refletir sobre o preconceito ainda maior que é direcionado ao relacionamento lésbico. Essa abordagem permitiu uma desconstrução dos modelos descritos na narrativa e que, na maioria das vezes, constituem a única forma de abordagem das questões sexuais na escola, não dando espaço para outras construções identitárias.

No que se refere à sexualidade, o narrador conta várias cenas em que o personagem principal Carlinhos descobre os encantos e descobertas sobre o sexo. Os trechos a seguir, apontados pelos/as alunos/as, foram uma seara de possibilidades para debatermos as questões sobre o corpo, como também as pressões que a cultura machista imprime, sobretudo nos homens, acerca de sua virilidade e da necessidade de propagação modelos heterossexuais, e que contribuem para a permanência das questões discutidas até aqui sobre a divisão social dos papéis: “[...] No cercado dos engenhos o menino se inicia nestes mistérios do sexo, antecipando-se por muitos anos no amor. A reprodução da espécie ficava para nós um ato sem grandeza nenhuma.” (RÊGO, p. 64); “[...] Onde e chegava lá vinham as indiretas: - Menino danado! E comecei a me envaidecer com a minha doença. Abria as pernas, exagerando-me no andar. Era uma glória para mim essa carga de bacilos que o amor deixara pelo meu corpo imberbe. Mostravam-me às visitas masculinas como uma espécime de virilidade adiantada(...)” (RÊGO, pg. 143); “[...] O moleque Ricardo pegara na mesma fonte a sua doença de homem (...) O meu companheiro pagara mais caro do que eu o seu imposto de masculinidade” (RÊGO, pg. 144).

Os trechos acima foram produtivos para a constatação do quanto é comum na nossa cultura, a iniciação sexual precoce para os homens que, frequentemente, são levados a prostíbulos pelos próprios pais para perderem a virgindade e se tronarem ‘homens’. Apesar dos/as alunos/as terem percebido o sexo como uma afirmação de sexualidade masculina, relatando que, via de regra, os meninos são incentivados desde cedo a procurarem namoradas, de modo que a mesma atitude é vista com resistência para as meninas, ainda não possuíam uma percepção sobre a violência implícita neste ato e as consequências de uma atividade sexual precoce, especialmente quando falamos sobre as identidades sexuais ainda em formação. Em momento algum, assumimos um discurso cheio de tabus ou proibições para com o corpo e sua sexualidade, mas a reflexão de que os indivíduos possuem necessidades, escolhas, desejos e expressões sexuais em momentos e configurações diferentes uns dos outros e que devem ser respeitados e conversados.

Além do sexo precoce ser uma atitude extremamente violenta e traumática para a maioria dos meninos que não se sintam preparados, ainda temos um problema de saúde pública, ao constatarmos a incidência das doenças sexualmente transmissíveis. Analisando um pouco mais a temática sobre a descoberta da sexualidade, em momento nenhum do livro, foram narradas personagens femininas com mesma faixa etária de Carlinhos e do moleque Ricardo, em suas experiências sexuais. Isto nos leva a pensar no duplo significado ou valor que o sexo pode ter em nossa sociedade: para homens como sinônimo de virilidade e orgulho, e para mulheres, como sinônimo de desonra e vergonha.

Weeks (2000, p.41) nos esclarece que este pensamento paira sobre o fato de que “os homens são os agentes sexuais ativos, as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, ou apesar disso, eram vistas como meramente reativas”. O estado geralmente passivo, conferido às mulheres, marca a hierarquia presente nesse tipo de arranjo social, estabelecendo limites para ambos os sexos que precisam ser ultrapassados e repensados. Além

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





# VII ENLIJE

disso, não só as mulheres constituem o sexo prejudicado nessas configurações de gênero, mas os homens são diariamente desafiados a ter que demonstrar sua masculinidade através de comportamentos normativos e altamente machistas que não contemplam as diferenças sexuais e a multiplicidade de construções identitárias. E o que se torna mais grave nas sociedades patriarcais é que os modelos sociais estabelecidos em geral fazem uso da violência para se estabelecerem. Assim, a figura masculina, ao longo da obra, foi se construindo através de personagens autoritários, onde a maldade, a crueldade e a violência são fatos comuns do cotidiano no engenho, como também, alguns comportamentos sexuais, conferidos aos personagens masculinos, vão se desenhando como sinônimo de virilidade e macheza, em que os homens são, geralmente, protagonistas, e as mulheres meros pretextos para suas histórias e experiências.

A narrativa exemplifica essa imposição social à conduta masculina, quando a tia de Carlinhos diz “[...] Vamos não chore. Seja homem” (RÊGO, 1982, pg. 39), para uma criança que acabara de perder a mãe, e quando, na voz do seu avô, o menino escuta “[...] – Mijou na cama! E era um debique de todo mundo. Isso é lá homem! – dizia o velho José Paulino, quando soube da minha fraqueza!”. Os trechos citados constituem aspectos que não foram percebidos pelos/as alunos/as, nos reportando a ideia de uma masculinidade tão normatizada que não percebemos a violência em suas expressões. Após uma intervenção, os/as mesmos/as trouxeram para o debate comportamentos dentro de seus grupos sociais na escola, como a participação em atividades de dança ou teatro, a forma como andam, se vestem ou cortam o cabelo, entre outras, que, frequentemente, culminavam em frases do tipo: “*isso é coisa de boiola*”, “*deixa de ser gay*”, “*faz feito homem*”, “*quando você comprou essa roupa, tinha pra homem?*”, e que acabam por inibir construções de identidades livres e heterogêneas. Os trechos foram debatidos e problematizados de forma que as meninas percebessem que também reproduzem tais frases, e contribuem para segregações desnecessárias entre o feminino e masculino, transferindo para a mulher ou gays, a única possibilidade de expressão do sensível, do artístico ou abstrato. Moreno (1999) é decisiva ao dizer que se a mulher os tolera, é porque ela mesma participa do pensamento androcêntrico e tem inconscientemente aceitado todas as suas ideias; e mais, em inúmeras ocasiões, é sua principal defensora, e na imensa maioria das vezes, sua mais fiel transmissora.

Durante as discussões em sala de aula, os/as alunos/as se identificaram com as questões apontadas nos trechos lidos, correlacionando-os com suas vidas e suas referências masculinas e femininas. Desta forma, trouxemos para a escola a possibilidade de uma educação sexual que leve em consideração o impacto direto das leituras e vivências em sala de aula, sobre suas vidas. Conseguimos coletivamente traçar comparativos entre a tratamento dado as meninas e meninos, em algumas atividades dentro da escola, a exemplo das aulas de educação física e dentro de seus próprios grupos sociais. Conversamos abertamente sobre formas de relacionamentos amorosos, compartilhando experiências pessoais sobre atitudes que poderiam ser consideradas machistas e sobre a necessidade de repensá-las. Em consonância com os objetivos deste trabalho, sobre a importância das discussões aqui apresentadas, Moreno (1999, p. 74) ratifica que

[...] a escola pode contribuir para este trabalho, analisando conjuntamente com as alunas e alunos os papéis que a sociedade atribui a cada sexo (...) e ajudando-os a descobrir o que de bom e mau tem cada um, mas sobretudo, a limitação imposta a cada pessoa ao ter que se submeter aos estereótipos que a sociedade, gratuitamente, impõe ao seu gênero.

É importante enfatizar que leituras tão enriquecedoras quanto esta devam partir sempre de uma análise crítica do contexto histórico e cultural no qual estão inseridos/as os/as personagens, de modo que possam contribuir para uma ampliação da visão de mundo dos





# VII ENLIJE

alunos/as, apresentando-lhes meios para ressignificarem suas concepções e sua cultura, com o objetivo de tornar o espaço social um ambiente menos normativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola, é comum a atribuição de padrões heteronormativos e hegemônicos na abordagem dos conteúdos curriculares, nos livros didáticos, nas atividades desenvolvidas em gincanas, amostras culturais, entre outras abordagens pedagógicas. Observamos padrões semelhantes nas histórias presentes em alguns textos literários que, enquanto dispositivos culturais, refletem as práticas que marcam as relações sociais de um determinado momento histórico. A educação tendo como viés a literatura serve para que nossas gerações se incursionem no campo do debate permanente sobre cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas as ideias e valores que a configuram, se direcionando, assim, para uma ressignificação cultural necessária, especificamente no que se refere às configurações de gênero em nossa sociedade.

Através da obra *Menino de Engenho*, foi construída uma linha tênue entre o que foi lido e o que é vivido pelos alunos/as, levando-os/as a fazer uma correlação entre o contexto histórico do enredo e suas realidades cotidianas, no que se refere às relações sócio culturais. A obra, caracterizada pelo sistema do patriarcado, permitiu a reflexão dos papéis atribuídos a homens e mulheres, avaliando privilégios de um gênero sobre o outro, atentando para as consequências e injustiças que determinados padrões normativos, que se perpetuam na contemporaneidade, podem causar aos indivíduos. A narrativa permitiu a percepção de que aspectos como a violência e o machismo permeiam as determinações de gênero e as construções identitárias no nordeste, construindo o modelo patriarcal na obra. Nesse contexto, a experiência literária com a leitura da narrativa de José Lins, aconteceu consonantemente aos paralelos traçados entre as vivências dos personagens da obra, as vivências dos alunos/as e os contextos históricos de ambos. As discussões e reflexões culminaram numa apresentação oral realizada pelos/as alunos/as, sobre os dados aqui descritos, em que o enredo e análise da obra sobre a perspectiva de gênero foram socializados para toda a escola, além da encenação que problematizou comportamentos machistas e violentos percebidos dentro da escola, abrindo espaço para as discussões sobre o feminismo.

Concluimos as ideias, aqui expostas, com a certeza de que a ampliação dos debates acerca da sexualidade e dos papéis da mulher e do homem na sociedade contribuiu cada vez mais para uma ressignificação cultural, esta entendida como um dos meios para a desconstrução de modelos hierarquizantes.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. “**Quem é frouxo não se mete**”: Violência e Masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino . In: Projeto História: revista do Prog. de Estudos Pós-Graduados em história e do Departamento de História da PUC-SP. N. 19, São Paulo: EDUC, 1999.

CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

Paulo Roberto  
contato@enlije.com.br  
[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





# VII ENLIJE

GUIMARÃES, Kalina Naro. Leituras, escolhas e procedimentos de ensino: reflexões sobre a formação do professor e do leitor de literatura. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). **Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/livros-produzidos-pela-gestao/04MEMORIAS-DA-BORBOREMA.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MORENO, Montserrat. **Como Se Ensina a Ser Menina – O sexismo na escola**. Campinas/SP: Moderna, 1999.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 94ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROHDER, Fabíola. Pra quê Serve o Conceito de Honra, ainda hoje? In: Biblioteca digital de Periódicos-UFPR. Campos, Vol.7, N.2, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7436/5330>. Acesso em 12 de jun. de 2018

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHOLZ, Roswitha. **O valor é o homem – Teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos**. Trad. José Marcos Macedo. In: Revista Novos Estudos- CEBRAP. São Paulo: N.45, 1996. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rst1.htm>. Acesso em: 02 jul. de 2018.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. In: Revista Estudos feministas. Florianópolis, Vol 13, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100002>. . Acesso em 02 jul. de 2018.

WEEKES, Jeffrey. O corpo e a sexualidade (2000). In. LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Trad. Tomaz Tadeu da Silva.

